

*Sem carro, eu estava condenado a ser professor,
aprisionado numa gruta de calcário anteriormente usada
para armazenar munições numa guerra, uma escola
poeirenta sem livros nem quadro nem sequer o habitual
mapa para mostrar os confins do Império.*

PETER CAREY



PETER CAREY

Longe de Casa

Tradução do inglês por
J. TEIXEIRA DE AGUILAR

S
M

PARA FRANCES COADY

Bacchus Marsh,
A 33 MILHAS DE MELBOURNE

1

Para uma rapariga, derrotar um pai constitui um desafio, mas havia dois, entre mim e o que eu queria, que vinha a ser – para não estar com rodeios – um sujeitinho encantador chamado Titch¹ Bobs.

O primeiro pai era o meu. Quando descobriu que eu, a sua adolescente Irene, a sua ratinha, a sua pequenina *mademoiselle*, tinha, por si só, proposto casamento a um homem de um metro e sessenta, cuspiu os Wheaties no prato.

O pai de Titch era o número dois. Saiu da cancela a galope, cem por cento favorável. Eu era uma beldade, um espanto, até à altura em que, no corredor junto ao cabide, me deu motivo para lhe pregar uma bofetada.

A minha irmã era mais velha e mais «experiente» do que eu. Não conseguia perceber por que razão havia eu de querer um marido tão baixinho. Tencionava criar uma equipa de ratos? Que gracinha! Beverly tinha um metro e cinquenta e oito e estava constantemente a pôr termo aos noivados com o esgalgado Lurch, o gigantesco Dino ou o famoso futebolista cujo nome não sou suficientemente ignorante para mencionar. Eu teria receio de lhe apertar a mão, quanto mais do resto.

Beverly fez a cama e obteve o que seria de esperar, isto é, trabalhos de parto de trinta horas e cabeças do tamanho de

¹ Titch: minorca. (*N. do T.*)

abóboras. Os meus filhos eram tão pequeninos e perfeitos como o pai, ideais nas proporções, na encantadora coordenação dos membros, nas rosadas faces de maçã que tinham herdado de Titch, no sorriso em que saíam a mim. A minha irmã não suportava a minha felicidade. Havia de passar anos à procura de indícios de que ela era «falsa». Quando o primeiro marido fugiu para a Nova Zelândia escreveu-me uma carta rancorosa a dizer que eu estava mais interessada no meu marido do que nos meus pequenos. Alegava que os seus rapazes eram tudo para ela. Sabia, dizia, que eu só me tinha casado com Titch pelo dinheiro que lhe sacaria. Estava transtornada, claro. Porque não havia de estar? Casara com um filho da mãe. Tinha-se divorciado «sem um centavo» e, por conseguinte, poderia, por favor, ir viver para a casa da infância que tínhamos ambas herdado e cuja venda conseguira sempre impedir? Ter-nos-ia o dinheiro dado jeito, a Titch e a mim? Não perguntou. Teria modificado as nossas vidas? Claro. Anuí a uma renda insignificante e guardei os meus sentimentos para mim.

Beverly estava sempre a dizer que eu era obstinada, uma ideia que tinha ido buscar à Mãe. Mas a Mãe gostava que eu fosse obstinada. Adorava ver a maneira como eu levava a minha avante. Claro que ela era um bocado assim, a Mãe, e fora bafejada com uns dentes e umas maçãs do rosto tão certos e bem-feitos que faríamos tudo e mais alguma coisa para a ver sorrir, mesmo que tivéssemos de lhe comprar uma máquina de lavar roupa para lho provocar. Consegui que o Pai comprasse o Ford, que foi aquilo que trouxe Titch à nossa porta em Geelong, Victoria, Austrália. Era o dia da Vitória na Europa, 8 de maio de 1945.

Nunca ninguém saberá como tencionava a Mãe utilizar o Ford. Ir até Colac e ver a irmã a seguir à missa? Essa era uma história que nem o Pai engolia. Não importava. Ele alinhou e passou o cheque ao vendedor, Dan Bobst, que, como vim a

descobrir quando abri a porta da frente no dia V-E, tinha incluído aulas de condução «grátis», que seriam dadas pelo filhinho. Oh, meu Deus, que jeitoso que era o filhinho, ali no nosso alpendre da frente com a sua mala de cartão numa manhã de terça-feira! Soube que ele ficaria a morar connosco.

Pobre Mãe, coitada, nunca chegou a meter a chave na ignição, e toda a gente ficou tão transtornada e atarefada com o funeral que ninguém disse ao jovem que devia ir-se embora. Não tinha mais onde ficar, de modo que desfez a «trouxa» e «ficou à espera de ordens», como mais tarde diria sempre. O Ford ficou estacionado no nosso acesso à casa, sem sinais de que agora fizesse parte da herança da falecida.

A minha mãe estava no Cemitério de Mount Duneed e o novo hóspede foi a única pessoa que me ajudou a passar revista às suas coisas. Não falou do carro nem das aulas que ficara de dar à falecida. Perguntou-me se eu sabia conduzir. Eu disse-lhe que se ele estivesse de volta a casa às seis da tarde podia lanchar connosco. No meio de toda a mágoa, o bem-parecido homem de faces vermelhas foi um grande consolo sem o qual eu não podia passar. Eu sustinha a respiração. Fazia comida para ele e ele lavava o prato e ajudava-me a limpar a loiça. Era arrumado. Quando eu chorava, consolava-me. Deixava pó de talco no chão da casa de banho.

À noite em Western Beach, quando se ouviam as desamparadas amarras dos velhos navios de guerra fundeados em Corio Bay, contava-me histórias do pai que achava engraçadas. Eram mais importantes do que eu julgava. Em qualquer caso ficava com os olhos a arder ao ouvir que o encantador rapaz tinha partido um braço ao rodar a hélice do miserável monomotor do pai, e que o velho mandão o tinha ensinado a aterrar sentando-se atrás dele no assento do navegador e dando-lhe punhadas nas costas esguias até ele empurrar o manche suficientemente para baixo, que o abandonara para ficar com um par de velhos

solteirões irlandeses em Bullengarook até eles aprenderem a conduzir o carro que lhe tinham comprado. O filhinho chamava-se Titch, embora por vezes fosse Zac, que era o que eles chamavam a seis dinheiros, e um *zac* era, por conseguinte, meio xelim, ou meio *Bob*, que era, claro está, o nome do pai. Deixemos isso. Ele foi sempre Titch, santo Deus, e dir-se-ia que eu tinha sido posta na terra para amar o teu torturado corpo e a tua jubilosa alma de mafarrico.

Como podia eu prever, querida Beverly, a que género de vida me conduziriam os desejos do meu coração? O nosso pai ainda era vivo no dia em que eu vi Titch pela primeira vez. Os meus bebés ainda não tinham nascido. Eu não sabia conduzir. Ainda não chegáramos à era da Holden Contra a Ford. Ainda nem sequer havia uma Prova de Fiabilidade Redex à Volta da Austrália, embora seja ela, a maior corrida de automóveis do século, a história a que no fim hei de chegar.

Casei-me no mesmo dia em que tirei a carta de condução. Fizemos as cem milhas até Warragul comigo ao volante. Depois mudámo-nos para Sale e a seguir para Bairnsdale, e Titch vendeu Fords ao serviço do pai, que sempre o roubou nas comissões. O meu novo marido era ideal em quase todos os aspetos, e eu sabia isso mesmo antes de compreender o seu génio, que era a última coisa que se procuraria num vendedor de automóveis. Não sabia mentir, ou assim parecia. Nunca exagerava, a não ser para fazer uma piada. Era divertido e descarado. Disse-me que tinha aperfeiçoado a arte de não ser agredido, o que não era mau, tendo em conta os bares em que fazia os negócios.

Morávamos em pensões e quartos alugados e comíamos rebanhos inteiros de carneiros, mas inacreditavelmente éramos felizes, apesar de o pai dele estar no quarto ao lado. Por vezes morríamos de riso, rebolando pela carpete numa tarde de domingo. Isso devia bastar para qualquer um.

O meu sogro estava sempre à espreita. Não contei a Titch

as coisas nojentas que ele me sugerira. Ele nunca as ouviu, graças a Deus. E o meu marido tão-pouco parecia reparar nos insultos dirigidos à sua pessoa. Dan Bobs não era um sujeito bem-parecido, mas aperlaltava-se tão constantemente com o pente que acabou por ficar sem cabelo. Titch era cego à vaidade. Sentava-se a ouvir o patife gabar-se interminavelmente das suas proezas. Aturei tudo isso durante anos até o velho encontrar uma mulher de Melbourne que o tolerava. Quando ele anunciou a sua reforma no *Warragul Express*, eu nem me atrevia a acreditar.

Dan tinha uma vida inteira de recortes no seu álbum. Possuía o primeiro brevê de piloto da Austrália. Tinha pilotado aviões e viera nos jornais quando se despenhara neles. Participara em corridas em Fords de Melbourne até Sydney. Vendera automóveis de herdade em herdade no lamacento distrito leiteiro de Gippsland e nas monótonas planícies vulcânicas de Sunbury, onde negociava ao estilo da velha escola, isto é, deixava lá o filho a dar aulas de condução. Estaria a desistir do ofício? Ou esta «reforma» era apenas mais uma oportunidade para falarem dele?

Edith tinha já sete anos. Ronnie nascera há pouco tempo. Meti-o no carrinho a fim de ajudar a passar os pertences do avô para a caravana. Ronnie acordou sujo e esfomeado, mas eu recusei-me a tratar dele enquanto não amarrei uma lona à volta da gordurosa tralha de Dan. Mesmo nessa altura fiquei à espera, a ver aquele farolim traseiro vermelho dobrar a esquina junto ao Lodge.

Não tardou que recebêssemos um postal de «Mrs. Donaldson», que se apresentou como «governanta» do velho. Depois veio um envelope contendo um recorte do *Mordialloc Advertiser*. Tinha-se estabelecido como sucateiro. Mrs. Donaldson dizia que tinham um «magnífico» pátio das traseiras. «Danny» pusera um letreiro no portão de entrada: O MAIS ANTIGO AVIADOR DO MUNDO. Vendia material de

guerra descartado e de vez em quando automóveis usados. Metera outro letreiro: SE NÃO CONSEGUIR ENCONTRÁ-LO AQUI, É PORQUE NÃO EXISTE NA TERRA. Remetiam uma fotografia: vimos que ele tinha «modificado» a varanda da frente de tal modo que agora era suportada por hélices de aeroplano.

AVIADOR RETIRA-SE PARA WATTLE STREET.

Dan nunca nos pediria dinheiro diretamente. Em lugar disso, aparecia, digamos, com uma bomba de água para um Ford de 1946. Titch não precisava dela, mas nunca consegui que recusasse o que quer que fosse ao pai.

Beverly diria que eu levava sempre a minha avante, mas foi Beverly que levou a sua avante, recusando-se a arranjar um emprego ou a arredar pé da nossa casa de Geelong. Esta representava dinheiro suficiente para iniciar um negócio de concessionário, mas Titch nunca me questionou, nunca argumentou, nunca insistiu.

Quando Dan já nos tinha deixado para tiranizar Mrs. Donaldson encontrei uma propriedade para arrendar em Bacchus Marsh, uma cidadezinha de um distrito rural com a qual Titch estava familiarizado há muito. Titch tinha a esperança de estabelecer um negócio de automóveis usados a fim de podermos finalmente ser vendedores de Fords. Eu escolhi a casa com isso em mente. Tinha um pátio enorme e um grande barracão que ocupava todo o comprimento da vedação das traseiras. Titch ficou que nem um lírio.

Poderia dizer-se que é aqui que a história começa, no local do nosso projetado negócio, observado pelo vizinho do lado, um solteirão de cabelo loiro com um maxilar vigoroso e um traseiro ausente, apertado nas calças, rosto enrugado e profundas marcas de sobrolho franzido na testa. Encontrou-me de fato-macaco com uma chave de fendas na mão. Quanto a ele, tinha um coador, uma espécie de presente, e eu vi a maneira

amiga e triste com que ele lidava com os miúdos e pensei que talvez fosse má ideia ser demasiado simpática com ele, porque tudo na vida começa pela simpatia.

Não fazíamos tenção de nos aproveitarmos dele.